

## O UNIVERSO COMO PATRIMÔNIO: BORGES E MACHADO DE ASSIS

Luciana Martins Müller <sup>1</sup>

(...) sempre reconhecemos como natural a nossa inevitável dependência. Alias, vista assim, ela deixa o ser, para tornar-se forma de participação e contribuição a um universo cultural a que pertencemos, que transborda as nações e os continentes, permitindo a reversibilidade das experiências, a circulação dos valores.

Antonio Cândido

### RESUMO

O presente ensaio – originalmente apresentado ao Professor Davi Arrugucci Jr., em seu curso “Estudo de um grande autor: Jorge Luis Borges”, ministrado na USP em 1995 – visa estabelecer um paralelo entre o pensamento de Machado de Assis e o de Jorge Luis Borges, dois escritores latino-americanos, no que tange a suas considerações críticas a respeito da questão do nacionalismo na literatura. Examina-se, daquele, seu famoso texto, mais conhecido pelo subtítulo, *Instinto de nacionalidade*, e, desse, o texto *El escritor argentino y la tradición*. Desse exame pretende-se mostrar que a problemática da nacionalidade literária é bem mais complicada do que parece.

**Palavras-chave:** Jorge Luis Borges. Machado de Assis. Literatura Latino-Americana.

### ABSTRACT

This essay - originally presented to Professor Davi Arruguci Jr., in his course “Study of a great author: Jorge Luis Borges” given at USP in 1995 - intends to establish a parallel between the thoughts of Machado de Assis and Jorge Luis Borges, to Latin-American writers, concerning their critical considerations about

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no CEFET-PR, Unidade de Curitiba desde 1996. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (1993) e Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (2000). Tem dois livros de poesia publicados: *Lapidação da aurora* (São Paulo, Giordano, 1996) e “*Espetáculo das sensações alheias*”: drama lírico em três atos (Curitiba, Medusa, 2003). Coordenadora local do mestrado interinstitucional de Linguística, UFSC/CEFET-PR. Cronista no jornal eletrônico Turma da Barra ([www.turmadabarra.cjb.net](http://www.turmadabarra.cjb.net)).

the nationalism issue in literature. The famous text, widely known because of its subtitle, “Instinto de Nacionalidade” (Nationality Instinct), by Machado de Assis, and the text “El escritor y la tradición”, by Jorge Luis Borges, are analysed. Through this analysis, the essay intends to show that the literary nationality issue is far more complicated than it seems.

**Keyword:** Jorge Luis Borges. Machado de Assis. Latin-American Literature.

Se se tomam dois escritores como Jorge Luis Borges e Machado de Assis, de obra grandiosa, no intuito de se fazer um estudo comparativo, é preciso delimitar muito bem em que pontos consiste a comparação e qual a sua pertinência para a pesquisa literária. Neste caso, há argumentos aos mil para justificar um paralelo entre as obras dos referidos escritores: ambos tematizam o conflito do indivíduo com a História; ambos constroem uma narrativa *biflexa*<sup>2</sup>; na obra de ambos, o leitor encontra-se pressuposto na tessitura do narrado; e, no âmbito extraliterário, ambos se inserem numa realidade histórico-cultural muito peculiar, que é a latino-americana – em que a busca de afirmação da *nacionalidade* confunde-se com a de afirmação da *identidade* – realidade essa que, por ambos, é problematizada. Particularmente, interessamos essa última questão, porque abarca, a nosso ver, todas as anteriores. A partir do posicionamento de ambos a respeito do que seria o encontro dialético entre valores literários nacionais e universais, ou mesmo do que seria a anulação da fronteira entre esses valores, cremos ser possível pensar a obra dos dois escritores em sua totalidade sistêmica.

É forçoso confessar a dificuldade de se lidar com um tema tão controverso e tão discutido como esse a que nos propomos aqui abordar. A tentativa de síntese de tão vasto assunto pode levar, ao contrário do que se espera, a afirmações redutoras e imprecisas, que se perderiam, sem dúvida, no mar de páginas já escritas. E como agravante há o fato de que se pretende colocar a questão partindo de dois autores sobre cuja obra a cada dia aparece uma crítica um estudo, uma análise, uma interpretação, uma hermenêutica ... É preciso dizer que não só os escritores, mas também os críticos, (com o perdão da palavra) padecem da *angústia da influência* bloomiana. O que vamos dizer – perguntamos – , se tudo parece já ter sido dito? Como vamos fazer para sermos originais, na era em que tudo nos parece cópia e clonagem de idéias? Machado de Assis, ele mesmo, divertir-se-ia com tais dúvidas hamletianas de nossa crítica atual; ele que, no seu tempo, preocupava-se era com a escassez e a pobreza da crítica literária, e argumentava que só com o estabelecimento de

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada pelo Prof. David Arrigucci, em sala de aula, para significar a narrativa *centrada sobre si mesma*, típica da tradição literária moderna.

uma crítica fecunda teríamos uma *grande literatura*<sup>3</sup>. Sem dúvida, essa crítica hoje existe, e é resultado de uma longa e produtiva relação com a atividade criadora – relação essa por vezes intrincada e polêmica, mas sempre indiscutivelmente dialética.

Todos esses circunlóquios são para justificar a pequenez do ângulo em que nos posicionamos neste ensaio: não se almeja originalidade, tendo como modelos estudiosos do porte de Antonio Candido, David Arrigucci Jr., Emir Monegal, Rubén Barreiro Saguier, José Miguel Oviedo, Enrique Zuleta Álvarez – só para citar alguns nomes dos que se aprofundam na reflexão sobre a literatura latino-americana e, mais especificamente, sobre a peculiaridade de Borges e/ou Machado no contexto da referida literatura. Também não há como pretender-se original diante da fonte – a única atitude de quem tem sede, diante desta, é a de beber de sua água, e... banhar-se. É apenas isso que queremos, para não fugir à regra, diante da fonte borgiana-machadiana, esse manancial.

Mas, para não engolir cântaros sem necessidade, será feito aqui unicamente o cotejo de dois ensaios significativos de Borges e Machado no que tange à busca de afirmação de uma identidade nacional. De Machado, o *Notícia da atual literatura brasileira – instinto de nacionalidade* (de 1873)<sup>4</sup>; de Borges, o *El escritor argentino y la tradición* (de 1932)<sup>5</sup>. Ambos os ensaios são igualmente uma aguda crítica ao nacionalismo literário latino-americano. É impressionante a semelhança de abordagem da questão nos dois, como é impressionante a postura avançada de Machado de Assis em relação ao seu tempo, que se amparava em uma literatura de afirmação eminentemente nacionalista.

Os dois ensaios são bastante citados e costumam servir de ponto de partida para comentários sobre o universalismo dos dois escritores e sobre até que ponto a *cor local* (expressão utilizada tanto por Machado quanto por Borges) justificaria por si só a existência e o valor de uma determinada literatura. Como exemplo pode-se confrontar o percuciente estudo de Enylton de Sá Rego, *O calundu e a panacéia...*, no qual a postura machadiana explicitada nesse ensaio é analisada à luz da inserção do escritor numa tradição que remonta a séculos – a da sátira menipéia, recuperada por Luciano, no séc. II D.C. -, e no qual, ainda que de passagem, é citado um trecho do ensaio borgiano, com vistas a revelar a antecipação do problema por Machado<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> Cf. *O ideal do Crítico*, ensaio do autor de 1865. In *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1992, p.798-801, vol. III.

<sup>4</sup> Machado de Assis, *op. cit.*, p.801-809.

<sup>5</sup> Jorge Luis Borges, *Obras Completas (1923-1972)*, Buenos Aires, María Kodama y Emecé Editores, 1994, Vol. I, p. 267-274.

<sup>6</sup> *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989, p.118-119.

Também é mister confrontar o ensaio de Davi Arrigucci Jr., *Da fama e da infância: Borges no contexto literário latino-americano*, em que, dentre outras considerações importantes, é feito o paralelo entre Borges e Machado, ainda dentro desta mesma perspectiva; só que, ao contrário do texto de Sá Rego, o ensaísta procura (da mesma maneira que faz com Borges, com relação ao contexto histórico-literário argentino) mostrar que, no que concerne a Machado, é importante não desvinculá-lo de uma tradição literária local – brasileira – e de suas (da tradições) peculiaridades históricas, para isso tomando como base as conclusões a esse respeito do crítico Antônio Candido, feitas na década de 50, e que se encontram relatadas no seu *Formação da literatura brasileira*. Segundo Arrigucci, Candido resolve o enigma machadiano quando mostra que Machado *faz literatura universal pelo aprofundamento das sugestões locais*<sup>7</sup>. Para não nos perdermos em citações de citações que remetem a outras citações e assim sucessivamente – haja vista ser a crítica literária um mosaico tão borgiano quanto os próprios textos de Borges – paremos por aqui, acrescentando apenas que o estudos de Sá Rego e de Arrigucci acabam por se tornar verso e averso de uma moeda única.

No entanto, ainda não se fez um exame metucioso das coincidências observáveis nos ensaios do escritor argentino e do brasileiro, no que diz respeito a essa questão. Examinemos alguns excertos:

#### ***Instinto...***

*Há [na opinião da crítica] um instinto que leva a aplaudir principalmente as obras que trazem os toques nacionais (...) e nisto há mais erro que acerto.*

*Compreendendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração (...) Devo confessar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura.*

#### ***El escritor argentino...***

*La idea de que la poesía argentina debe abundar en rasgos diferenciales argentinos y en color local argentino me parece una equivocación.*

*Quiero señalar otra contradicción: los nacionalistas simulan venerar las capacidades de la mente argentina pero quieren limitar el ejercicio poético de esa mente a algunos pobres temas locales, como si los argentinos sólo pudiéramos hablar de orillas y estancias y no del universo.*

---

<sup>7</sup> In: *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiências*. S.Paulo, Cia das Letras, 1987, p.196-226.

### ***Instinto...***

*(...)e perguntei mais se o Hamlet, o Otelo, o Júlio César, a Julieta e Romeu têm alguma coisa com a história inglesa nem com o território britânico, e se, entretanto, Shakepeare não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês.*

*Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.*

### ***El escritor argentino...***

*(...)Creo que Shakespeare se habria asombrado si hubieran pretendido limitarlo a temas ingleses, y si le hubiensen dicho que, como inglés, no tenía derecho a escribir Hamlet, de tema escandinavo, o Macbeth, de tema escocés(...)*

*Creo que los argentinos, los sudamericanos en general, estamos en una situación análoga; podemos manejar todos los temas europeos (...) creo que este problema de la tradición y de lo argentino es simplemente una forma contemporánea, y fugaz del eterno problema del determinismo.*

*(...) nuestro patrimonio es el universo(...)*

Pelo que conhecemos da obra de Machado de Assis e Borges, podemos perceber quão importantes são essas considerações e como elas servem de fundamento para sua produção artística. Os trechos coincidentes foram assinalados não simplesmente para mostrar como pensaram parecido os dois escritores, ainda que em tempo e espaço diferentes, mas também e, basicamente, para mostrar a importância de uma questão que está no centro do debate sobre a formação de uma literatura latino-americana mestiça e de como se podem cometer erros numa avaliação de cunho ufanista. O que Borges e Machado não queriam, e o deixaram bem claro, era consentir que uma camisa-de-força (a doutrina nacionalista) limitasse sua liberdade de criação; e por causa disso, evidentemente, foram muito atacados.

A respeito de Machado, não deixa de ser curioso o seu pioneirismo neste debate; poderíamos mesmo dizer que ele é um precursor de Borges e de outros escritores latino-americanos, do século vinte, que se preocupam com o entendimento da questão no âmbito artístico. Além disso, conhecemos a quantidade de restrições que se fizeram a sua obra por causa disso, sendo que somente há algumas décadas a crítica vem se posicionando na direção de uma

interpretação mais penetrante do *fenômeno* (conforme vimos acima), embora haja ainda quem procure justificá-lo ou contestá-lo a partir de uma ótica determinista.

Também com Borges acontece o mesmo, e podemos ver, por este fragmento de um ensaio de Mario Benedetti, como a crítica pode incorrer em reducionismos simplistas, por vezes imperdoáveis:

*Injusto ou não, o fato é que a maioria dos escritores latino-americanos assumem a sua comarca, mesmo cientes de que essa atitude sempre significa um obstáculo para chegar a outros leitores, a outros meios. Naturalmente, sempre há criadores (e às vezes de primeira linha) que preferem prescindir de sua comarca para entrar diretamente no universal. É o caso de Jorge Luis Borges, talvez o mais conhecido na Europa dos escritores latino-americanos. (...) Não seria justo omitir aqui que Borges faz esporádicas referências à sua comarca, mas a verdade é que tais referências só aparecem como pretextos. Cada uma de suas personagens argentinas de modo geral é (para dizê-lo numa das línguas que Borges mais estima) the wrong man in the wrong place, já que foi pensando com um olhar (e o que é mais decisivo: com uma sensibilidade) europeu<sup>8</sup>.*

A concepção de literatura aí subjacente denota o apego a um realismo naturalista, que pressupõe que a criação deve pretender-se cópia do real e – o que é pior – de um real imediato. Mas – para usar as felizes expressões machadianas – as personagens devem ser *pessoas morais* e não *títeres*<sup>9</sup>, e não podem, portanto, estar a serviço de uma que outra causa nacionalista abraçada por seu autor, a não ser que o contexto estrutural da obra o permita. Além da inverdade contida na afirmação de que Borges só *faz referências esporádicas à sua comarca*, é absolutamente contestável a de que as personagens argentinas do dito autor estão como que no lugar errado, afirmação essa que denuncia que Benedetti não possui a mínima compreensão do mundo borgiano e, mais, do mundo da criação de maneira geral. Acreditamos que os Nielsen ou Rosendo Juarez não podem ser vistos como meros pretextos ou fantasmas de um mundo feito o de Morel (aquele inventado pelo também argentino Adolfo Bioy Casares), pois se ali foram colocados – no pampa ou no arrabal portenho – é porque esse foi o espaço necessário para garantir e justificar-lhes o estatuto de literários, de filhos de uma concepção (nos dois sentidos) de *linguagem* simbólica.

---

<sup>8</sup> Mario Benedetti. *Temas e problemas*, in: *América Latina em sua literatura*. São Paulo, Perspectiva, 1979, p.377, grifos nossos.

<sup>9</sup> Cf. o ensaio *Eça de Queirós: O primo Basílio*. In: *op.cit*, p.903-913.

Também não deixa de ser incongruente a explicação de Benedetti para o que ele considera a existência de personagens deslocados na escritura borgiana: é porque foram pensados, diz ele, com sensibilidade e olhar europeus – novamente repetindo o pregão da falácia nacionalista. Sabemos que o olhar ou a sensibilidade artística não nascem da pátria de seu dono.

E, para finalizar este esclarecimento, a frase *prescindir de sua comarca para entrar diretamente no universal* nos fez lembrar a sala escura onde a Alice, de Lewis Carroll, caiu e aquelas portas todas que ela tinha diante de si. Imaginei Borges sendo Alice e as portas daquela sala tendo inscrições gravadas do tipo *Provincia de Buenos Aires, Provincia do Rio de Janeiro, Universal*, cada porta com sua chave correspondente na fechadura. Borges, então, seduzido pela liberdade de poder escolher a chave que quiser, prescinde de sua comarca, dando-lhe as costas, e abre, sem hesitação, a porta *Universal*. É muito engraçado e ridículo!

Retomando o exame dos ensaios, podemos ver que nenhum dos dois pode ser caracterizado como negação do espírito patriótico, mas, fundamentalmente, como afirmação da virtude do escritor, que é a de possuir o universo inteiro – inclusive a sua pátria empírica – como matéria de poesia e criação simbólica. Daí porque Borges tem o direito inalienável de refundar misticamente Buenos Aires, e Machado, o de criar uma personagem capaz de desdenhar, com acrimônia, os achaques de uma burguesia carioca incipiente e insipiente, como é o caso de Brás Cubas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

\*\* Obs.: Muitos dos autores abaixo não foram citados no corpo do trabalho, porém lhe deram embasamento. Também foram preciosas as anotações feitas no curso “Leitura de um grande autor: Jorge Luis Borges”, ministrado pelo Prof. Davi Arrigucci Jr. (Universidade de São Paulo, 1995).

Arrigucci Jr., Davi. *Da fama e da infâmia: Borges no contexto literário latino-americano*. In: \_\_\_\_\_. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

Assis, Machado de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1992, vols. I, II, III.

Álvarez, Enrique Zuleta. *Borges, Lugones y el nacionalismo*. In: *Cuadernos hispanoamericanos (Homenaje a Jorge Luis Borges)*. Madrid: Inst. de Cooperación Iberoamericana, julio-septiembre 1992, p. 535-549.

Benedetti, Mario. *Temas e problemas*. In: *América latina em sua literatura*. Trad. Luis João Gaio. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 363-381.

Borges, Jorge Luis. *Obras Completas*. Buenos Aires: Maria Kodama y Emecé, 1994, vols. I, II, III.

Borrello, Rodolfo A. *Borges, lector de las letras argentinas*. In: Cuadernos hispanoamericanos, op. cit. p. 195-210.

Candido, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: América latina..., op.cit., p.343-362.

Campos, Vera Mascarenhas de. *Borges & Guimarães: na esquina rosada do GrandeSertão* São Paulo: Perspectiva, 1988.

Goelkel, Hernando Valencia. *A maioridade*. In: América latina..., op.cit., p. 113-128.

Monegal, Emir Rodríguez . *Borges par lui-même*. Trad. Françoise-Marie Rosset. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

Monegal, Emir Rodríguez. *Borges e Paz: um diálogo de textos críticos*. In: Borges: uma poética da leitura. Trad. Irlemar Chiampi. São Paulo: Perspectiva, 1980.

Oviedo, José Miguel. *Uma discussão permanente*. In: AméricaLatina... op.cit., p.437-454.

Pedrosa, Célia. *Nacionalismo literário*. In: Palavras da Crítica:tendências e conceitos no estudo da literatura. Org. José Luis Jobim, Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.277-303.

Rego, Enylton de Sá. *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária 1989.

Retamar, Roberto Fernández. *Intercomunicação e nova literatura*. In: América latina..., op.cit., p.325-339.

Saguier, Rubén Barreiro. *Encontro de culturas*. In: América latina..., op.cit., p.3-24.

Schwarz, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.